

De 89 a 98, campanhas para presidente foram esfriando

Em 94, Plano Real decidiu eleição para Fernando Henrique

Arquivo

Cid Benjamin

• Na eleição deste ano, uma tendência já surgida em 1994 se aprofundou: o esfriamento das campanhas. O interesse dos eleitores, e em particular o dos jovens, diminuiu, os comícios perderam público, as campanhas ficaram ainda mais caras e aumentou o recurso a cabos-eleitorais pagos — mesmo em campanhas do PT, partido que, na sua origem, se orgulhava do trabalho voluntário de seus militantes.

Se no futuro as campanhas vão ser sempre mais frias, é discutível. Mas é inegável que a eleição de hoje se parece pouco com a de 89. E havia uma razão: os brasileiros com menos de 47 anos nunca tinham votado para presidente.

A cientista política Lucia Hipolito acha natural que as campanhas se tornem mais frias.

— Quando a democracia e as instituições se estabilizam, a vida das pessoas passa a não depender tanto de quem está no poder e, por isso, é normal que nas eleições elas se mobilizem menos.

Cientista política usa imagem de infarto para falar do país

Lucia lembra a História recente:

— Nos últimos anos o Brasil viveu à beira do infarto: campanha das diretas-já, eleição no Colégio Eleitoral, posse de Sarney, eleição e impeachment de Collor. Agora é diferente — afirma ela.

Já Daniel Aarão Reis, professor de história contemporânea da UFF, dá outra explicação:

— As estruturas políticas estão desgastadas, são vistas como um mundo à parte, que ninguém controla. As pessoas acham que não muda suas vidas votar em A ou em B. Depois, os políticos se tornaram escravos de pesquisas. Dizem o que acham que o eleitor gostaria de ouvir e acabam ouvando pouco. Isso traz a pasteurização progressiva dos discursos, que ficam muito parecidos.

Ele dá um exemplo:

— Uma expressão dramática dessa pasteurização é Lula acusar Fernando Henrique de roubar suas propostas. Ora, se isso ocorreu é porque elas não eram mesmo muito diferentes. E, atenção: quanto mais a estrutura política se afasta das pessoas, mais vulnerável fica a democracia — alerta.

Em 89, o país teve sua mais animada eleição presidencial

Em 1989, quando houve a mais animada campanha da História, José Sarney ocupava o Planalto. Era o primeiro presidente civil após 20 anos de ditadura, mas sua posse, em 85, tinha sido antes uma frustração do que uma afirmação da cidadania. Sarney tinha apoiado a ditadura e presidido a Arena. Fora eleito de forma indireta, como vice de Tancredo Neves, em cuja chapa entrara para garantir a maioria no Colégio Eleitoral, após a frustração da derrota da campanha das diretas-já.

Foram candidatos os líderes dos principais partidos: Ulysses Guimarães (PMDB), Leonel Brizola (PDT), Mário Covas (PSDB), Paulo Maluf (PDS), Aureliano Chaves (PFL), Luiz Inácio Lula da



A MILITÂNCIA DO PT toma a orla, em 94. A cena não se repetiu este ano

Silva (PT) e Guilherme Afif (PL). Além deles, a habitual coleção de nanicos. E um outro, um nanico de luxo que se transformou na surpresa: o ex-governador de Alagoas Fernando Collor, pelo PRN.

Só houve disputa para presidente, o que fez com que as máquinas partidárias não se movimentassem como nas eleições casadas, quando está em jogo a sorte dos chefes políticos locais. Não fosse assim, dificilmente o segundo turno teria sido entre Collor e Lula, que não tinham estruturas partidárias expressivas.

Favoritos ficaram para trás quando começou a campanha

Na campanha, os favoritos foram ficando para trás. Ulysses foi abandonado pelo PMDB, vítima de sua crônica falta de unidade. E foi prejudicado por ser o candidato do Governo Sarney, que estava muito desgastado. Brizola, outro favorito, enfrentou uma dura disputa com Lula pelo eleitorado de esquerda. Acabou perdendo o segundo lugar — e o direito de ir para o segundo turno — por pouco mais de 0,5% dos votos, depois de estar na frente do petista durante toda a campanha.

Lula, na primeira eleição presidencial do PT, obteve um resultado que nem os mais otimistas previram. Empurrado pela mobilização dos militantes — a maior da história do partido — surpreendeu e foi ao segundo turno.

Mas Collor foi o fenômeno eleitoral de 89. Com um discurso agressivo contra Sarney, cujo Governo acusava de corrupto, e explorando a imagem de político jovem e empreendedor, se transformou na alternativa para os que tinham como preocupação primordial barrar a vitória de Lula.

Entre 22 candidatos, obteve 28,52% dos votos. Lula ficou em segundo lugar, com 16,08%, pouco à frente de Brizola, com

15,45%. Covas (10,78%), Maluf (8,28%), Afif (4,53%) e Ulysses (4,43%) vieram depois, seguidos pelos nanicos. No segundo turno, Lula chegou a encostar em Collor na última semana, mas acabou derrotado: teve 37,86% dos votos contra 42,75% de Collor, àquela altura transformado no candidato da maioria do empresariado.

Depois do impeachment de Collor, Lula transformou-se no favorito para a eleição seguinte, em 94. Até maio daquele ano, liderava as pesquisas, perto da maioria absoluta. Mas um fato novo mudou tudo. Depois de anos de inflação, em meados de 94 o país começou a experimentar uma situação em que os preços já não subiam e o poder de compra se estabilizava, graças ao Plano Real, lançado no Governo Itamar, a seis meses da eleição.

Lula foi encurralado pelo Plano Real em 1994

A estabilidade monetária emprestou enorme popularidade ao candidato identificado com ela: Fernando Henrique Cardoso. Ele cresceu, ultrapassou Lula e chegou à maioria absoluta. O petista se viu diante de um dilema insolúvel: indo contra o Real estaria indo contra a opinião generalizada; se o apoiasse, estaria dando um aval a Fernando Henrique. A própria mobilização dos militantes do PT, ainda que superior à de 98, foi bem menor do que em 89.

Fernando Henrique obteve 54,3% dos votos válidos, bem mais do que a soma dos rivais (45,7%). Sua subida esvaziou a tal ponto as demais candidaturas que um dos nanicos, o histrionico Enéas Carneiro (Prona) — que já disputara em 89 — chegou em terceiro lugar, com 7,4% dos votos, à frente de figuras com mais tradição na política brasileira, como Orestes Quércia (PMDB), que teve 4,4%, e Brizola, com 3,2%. ■